



## FORMAÇÃO INICIAL DE MATEMÁTICA E PROBLEMATIZAÇÃO DE GÊNERO: UMA INVESTIGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CRÍTICA E ANTISSEXISTA

Luiza Batista Borges<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo, desenvolvido na Linha 3 do Mestrado em Educação Matemática, tem como objetivo investigar como a resolução e análise de questões do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) nas quais são identificadas práticas sexistas, reverbera em licenciandos e licenciandas de Matemática. Trata-se de uma pesquisa de intervenção de abordagem qualitativa, na qual investigam a problematização de gênero da formação inicial de professores de matemática. A intervenção se dará por meio da realização de um projeto sobre o tema em questão em algumas aulas de uma disciplina do curso. A coleta de informações se dará por meio de observação dos encontros, gravação de áudio e vídeo dos mesmos, diário de campo da pesquisadora, entrevista e questionário realizados com licenciandos participantes do estudo e registros produzidos pelos mesmos ao longo da intervenção. A análise acontecerá por meio da triangulação dos dados produzidos e da interpretação dos mesmos à luz do referencial teórico. Espera-se que os resultados possam revelar possíveis contribuições para um o debate de gênero dentro das universidades e nas escolas. Mais especificamente, poderemos evidenciar como se dá as reflexões dos/das licenciandos(as) em torno das discussões e das questões do ENEM abordados nos encontros.

**Palavras-chave:** Debate de gênero. Educação Matemática Crítica. Formação Inicial de professores.

### INTRODUÇÃO

Ocorrer o debate de gênero nas escolas, nas universidades é importante, pois assim começamos a nos questionar de algumas práticas sexistas vista na sociedade e também sobre se a matemática ela é androcêntrica. Com esses questionamentos realizados dentro das universidades podem contribuir para que os/as futuros(as) docentes quando chegarem em sala, já tenha algum entendimento do assunto, e talvez com isso possa debater/questionar de forma correta assuntos que envolva gênero.

Uma relação possível é a Educação Matemática Crítica e a discussão de gênero, que pode contribuir para que estudantes consigam interpretar informações vistas na sociedade contemporânea. Em síntese, professoras e professores, ancorados em concepções norteadas pelos fundamentos da Educação Matemática Crítica, podem, a meu ver, conhecer – ou se aprofundar em procurar soluções para – problemas sociais contemporâneos, durante sua

---

<sup>1</sup>Universidade Federal de Ouro Preto- UFOP; luizaborges84@gmail.com; Orientador: André Deodato



formação inicial e, nesse processo se fazerem professoras/ professores mais críticas/os, para, assim, pensarem em formas de enfrentar tais problemas.

Com isso, relacionar os estudos de gênero com a Educação Matemática, durante a formação inicial de professores, pode reverberar, em médio e longo prazo na de aula de Matemática da educação básica e, dessa forma, colaborar com a formação de alunas e alunos mais comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa. Isso porque, desenvolvendo essa relação, consideramos que as licenciandas/os licenciandos, ao estudar e debater questões relacionadas com gênero, podem não só perceber a existência de uma estrutura que colabora com a reprodução da violência contra as mulheres, mas também podem pensar em alternativas para enfrentar/resistir a tal estrutura. Esses debates podem favorecer, portanto, o enfrentamento dessa violência sob uma perspectiva educacional antissexista.

E por fim, depois dessa breve introdução, sobre: i) o referencial teórico, ii) a metodologia da pesquisa. No fim são apresentadas as referências do trabalho

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### ***Delimitação Da Noção De Práticas Sexistas***

Dessa forma, podemos perceber as desigualdades de gênero, no nosso cotidiano, por meio de atitudes, comportamentos, falas e discursos vivenciados, por exemplo, no ambiente escolar. O fato de essas desigualdades serem percebidas no contexto escolar parece ser um sinal de que a discriminação de gênero continua presente não só na escola, mas também de forma mais geral, na sociedade. A nosso ver, essa situação se torna ainda mais complicada porque muitas vezes, é ‘mascarada’, sendo legitimada em ações cotidianas, como, por exemplo, na reprodução de afirmativas como “homens são melhores em matemática”. Assim, muitas desigualdades têm sido aceitas sem estranhamento como se fossem naturais, algo “intrínseco tanto aos homens quanto as mulheres” (OLIVEIRA, 2012, p. 7).

A instituição escolar, ao nosso ver, pode contribuir para um novo olhar sobre as relações de gênero porque mesmo a escola não podendo ensinar tudo, certamente pode “ensinar a pensar, a refletir e a criticar padrões de conduta pré-estabelecidos e que geram preconceito e discriminação” (RIBEIRO;PÁTARO, 2015, p. 157-158). Sendo assim, a escola pode se fazer um espaço mais justo, no qual o compartilhamento do conhecimento historicamente acumulado e socialmente valorizado seja realizado respeitando as subjetividades dos sujeitos. Em outros



termos, a instituição escolar, pensada como espaço de relações, onde indivíduos de diversos meios se socializam e manifestam seus diferentes modos de pensar e agir, pode assumir o princípio de que, como espaço educativo, deveria colaborar para a “(...) igualdade de gênero, sem diferenciação entre os sujeitos” (OLIVEIRA, 2012, p.3).

Isso mostra que muitas das vezes a “escola acaba colaborando no significado do que é ser menino e ser menina” (RIBEIRO;PÁTARO, 2015, p. 164), mesmo que de forma implícita, trazendo alguns estereótipos como, por exemplo, meninas são dóceis e passivas; meninos são agressivos e dominadores. Esses exemplos citados acabam mostrando como a escola muitas das vezes ainda segue essas ideias sexistas, que são representações “próprios” de cada sexo. Para fazermos entendermos que o que foi citado a acima, estão acompanhadas por um discurso que gera atitudes e ações comportamentais em diferentes culturas. E é possível entende que tanto esse discurso quando esses comportamentos que “não são neutros e ajudam a desenvolver nas meninas e meninos, práticas sexistas que agridem as mulheres enquanto pessoas” (OLIVEIRA, 2012, p.8).

### ***Fronteiras entre a formação inicial de professores de matemática e as questões de gênero***

Podemos perceber a importância de se discutir gênero na formação inicial de matemática. Vale destacar que muitos/muitas saem da licenciatura sem ter ouvido falar de discussão de gênero na educação. A questão é que, por exemplo, quando um recém-formado é levado à sala de aula, podemos perceber, em muitas situações, o despreparo tanto para os conteúdos que estão dentro do contexto formal de Matemática quanto para os conteúdos que fogem dessa formalidade, como aqueles relacionados com a discussão de gênero. Esse despreparo, ao nosso ver, pode afetar os recém-formados/as recém-formadas no sentido de eles e elas não se sentirem confiantes para abordar “conteúdos que estão fora do seu leque de conhecimentos” (SÁ, 2018, p.5) como debate de gênero.

Vale também destacar, que muitos/muitas professores(as) de Matemática não abordam, em sala de aula, questões que envolvem o debate gênero devido a diversos fatores como insegurança, repressão, medo, despreparo, preconceito etc., ainda que haja recomendações oficiais, como as que caracterizamos anteriormente, que incentivam discussões sobre esse tema. Guse e Esquincalha (2020)



Cabe ainda mencionar que, além de focalizarmos na formação inicial de professores, um outro modo é olhar para a sala de aula da educação básica para compreender como funcionam, no âmbito da escola e do currículo, alguns mecanismos de opressões. Assim, consideramos que seja relevante refletir sobre como a produção de diferenças e de desigualdades sociais e culturais de gênero é construída. Portanto, a nosso ver, a educação matemática de certa maneira pode contribuir para o enfrentamento de problemas relacionados com as desigualdades de gênero, raciais e sociais, tanto nas práticas de ensino quanto nas práticas de pesquisa. Há de se destacar que, o enfrentamento das questões de gênero (no âmbito da educação matemática) não está livre das contingências históricas. Partindo desse entendimento, destacamos que, atualmente, vivemos um momento de “emergência e de visibilização” (MEYER, 2008, p. 21) de questões políticas e sociais. Nesse momento histórico, essas questões políticas e sociais que são amplas e decorrentes das demandas da sociedade, têm ecoado fortemente dentro do espaço escolar e também nos currículos.

Pode-se dizer que discutir gênero na formação inicial de professores de matemática possibilita a problematização da naturalização de estruturas impostas pelas relações de poder nas quais somos inseridas e inseridos. O debate de gênero na Educação Matemática tem o potencial de incluir sujeitos tradicionalmente excluídos: mulheres, povos indígenas, negros, enfim, populações que sofrem pelos mecanismos de opressão, pela relação de poder entre o opressor e o oprimido. Portanto, uma estratégia para um enfrentamento a essas opressões, é expondo essas estruturas restritivas, a esses sujeitos para que possam construir consciência e a partir dessa construção consigam ter um olhar crítico a essas relações de poder.

## **METODOLOGIA DE PESQUISA**

A natureza metodológica adotada para a pesquisa que pretendemos realizar é a qualitativa. Segundo Robert Bogdan e Sari Biklen (1991), em uma abordagem qualitativa a fonte direta dos dados é o ambiente natural e há uma maior preocupação com os processos, que com os resultados. Devido à complexidade do ambiente natural, as e os pesquisadores que utilizam essa abordagem metodológica, organizam a riqueza de dados de maneira descritiva e tendem a analisar os fatos sem se cobrarem tanto em recolher comprovações que corroborem hipóteses, o que possibilita construir os argumentos na medida em que o material empírico vai sendo produzido. O material empírico será produzido, a partir do que for desenvolvido nesses



encontros, com o auxílio dos seguintes instrumentos: questionário, registros produzidos pelos licenciandos, gravações em áudio e vídeo e, eventualmente, entrevista.

As atividades serão conduzidas pela própria pesquisadora em um grupo de estudos. Esse grupo de estudos será formado a partir do convite realizado aos/às estudantes das disciplinas de graduação de Matemática. De um lado, destacamos que, a nosso ver, a realização da investigação anunciada neste projeto pode não só contribuir para a formação dos Licenciandos em Matemática, mas também pode colaborar para o desenvolvimento dessa discussão que é objeto de interesse da instituição.

Na pesquisa de campo, os registros serão realizados em diário de campo, áudio e vídeo. Além disso, também farão parte do material empírico, as transcrições das entrevistas que serão realizadas com as licenciadas e os licenciandos, além do acervo das atividades desenvolvidas pelas licenciadas e pelos licenciandos durante todo o processo de investigação. Consideramos que, a partir desse material, teremos elementos para responder se o debate de gênero pode contribuir para a reflexão de licenciandos e licenciandas acerca de questões sexistas tanto no currículo e do ENEM.

## REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

GUSE, Hygor. **Representações Sociais De Professores(As) De Matemática Lgbtqia+ Sobre Diversidade Sexual E De Gênero**. Disponível em:  
<<http://eventos.sbem.com.br/index.php/spem-rj/ix-spem-rj/paper/viewFile/1472/1205>>.

MEYER, Dagmar. Escola, currículo e produção de diferenças e desigualdades de gênero. In: SCHOLZE, Lia. (Org.). **Gênero, memória, docência**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2001

OLIVEIRA, Gisele; OLIVEIRA, Dennison. **DESCONSTRUINDO PRÁTICAS SEXISTAS NO AMBIENTE ESCOLAR. O Professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. Disponível em:  
<[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2012/2012\\_ufpr\\_hist\\_artigo\\_gisele\\_dalagnol.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_ufpr_hist_artigo_gisele_dalagnol.pdf)>. Acesso em: 10 Sep. 2021.

SÁ, Robison. A escola e o seu papel na construção do protagonismo juvenil. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 03, p. 74-83, 2019.